

Um olhar ao sol: um relato de experiência e cuidado no HCAMP.

Autores: Samuel Pereira da Silva, Maria Célia Campello Montezuma, Ronald Maia Filho

Hospital Dia Rede – Cidade Ademar

Introdução: A infecção viral ocasionada pelo *Coronavírus* que surgiu na China na província de Wuhan em 2019 que se instalou no mundo sendo no Brasil relatado em 26 de fevereiro de 2020 e no estado de São Paulo em 11 de abril de 2020 espalhando e trazendo para a cidade de São Paulo um estado de calamidade pública acarretando um colapso nos serviços de saúde ocasionado pela SARS COV2 que em inglês Severe Acute Respiratory Syndrome Covid19 – 2, traduzindo síndrome respiratória aguda grave que até hoje deixam sequelas irreversíveis em quase todas as famílias no mundo. Filhos sem pais, pais sem filhos, viúvos e viúvos e até mesmo famílias dizimadas. Abalos fisiológicos, psicológicos e psíquicos em toda a população. Para quem perdeu um ente querido fica a saudade, para quem perdeu um familiar fica um espaço vazio dentro de si, uma memória, uma dor pela ausência de cada um que se foi. E para nós profissionais da saúde da linha de frente ficam as vivências diárias partilhadas nesse relato.

<u>Justificativa:</u> Descrever a experiência partilhada dentro da unidade de atendimento para COVID19 nesse serviço.

<u>Objetivos:</u> Apresentar em formato textual a experiência no atendimento humanizado e cuidado centrado no paciente descrito pela equipe de enfermagem.

Relato da vivência: Desde o inicio da pandemia instalado no Estado de São Paulo. Nós deste serviço vivemos uma intensa rotina em planejar, descrever e organizar nossa unidade para uma possível abertura para atendimento ao paciente acometido pela SARS COV2. Muita ansiedade de colaboradores querendo entrar na luta para ajudar a população. Ao mesmo tempo em que a insegurança por parte de todos em se contaminar ou levar contaminação para seus familiares. Uma mistura de frustação por não poder entrar na linha de frente e outra em estar de mão atadas nessa guerra biológica.









Em 22 de fevereiro de 2021 tomamos conhecimento via secretaria de saúde da cidade de São Paulo que o município estaria entrando em colapso nos hospitais públicos e privados devido a segunda onda de disseminação da doença no Brasil. Desde então fomos selecionados para estruturar um hospital de campanha para atender esses pacientes bem como desafogar os hospitais da cidade. Foram muitos dias e noites escrevendo, descrevendo processos e procedimentos, bem como estruturando o espaço físico dentro da unidade de onde executava outro tipo de serviço. Só na data de 16/03/2021 concluímos toda a estrutura para atender a população. E em 19 de março iniciou o processo de internação, transferência de pacientes para nossa unidade. Muita descrição científica, estudos, pesquisas e emoção estavam em volta de todos os processos aqui instituídos. Muitos desses processos completos pelo conhecimento, experiência e desenvolvimento de uma equipe multiprofissional. Todos os dias vivemos sob intensa frustação pela escarces de Equipamento de Proteção Individual no mercado mesmo não tendo falta para prestação dos serviços, ou mesmo pela deficiência de conhecimento sobre tratamentos efetivos contra a doença. Mas seguimos em frente com nosso cuidado centrado na pessoa de cada paciente. Focando que cada um ali era especial para alguém, um amor de alguém lá de fora. Nesse período de que denominamos clausura, confinamento ou área restrita. Partilhamos inúmeras experiências diárias. Uma chamada de vídeo com a família, um bolo de aniversário e comemoração de bodas de casamento, até jantar a dois na área de internação. Um casal de idosos que até hoje vem a unidade e todas vezes trazem lagrimas aos nossos olhos. Ao referido relato venho descrever a vivência de uma paciente muito especial aqui descrita como Maria para preservar sua identidade. Que a recebemos transferida de outra unidade com um quadro de SARS-COV2, seguida de uma cardiopatia aguda, sendo estabilizada em nosso serviço com protocolo de Infarto Agudo do Miocárdio (IAM).









Uma senhora muito simples, tímida, quieta e pouco falante. Não habituada a muito diálogo pela timidez. Certo dia ao assumir o plantão seguimos os cuidados assistenciais pós-atendimento de seu diagnóstico de IAM, era nítido o medo, a insegurança e a saudade da família. A mesma tinha muitos exames a serem colhidos e realizados, onde fui escalado para acompanhar e proceder à realização dos mesmos. Realizado o primeiro exame de sangue e firmando vinculo com a mesma fui encaminha-la para sala de Eletrocardiograma. A unidade estava toda preparada para isolamento de áreas ao locomover ela até a sala de exame. Passamos pelo corredor na rampa de acesso ao segundo piso e vi que após oito dias na área de confinamento foi a primeira vez que ela conseguiu pela fresta da janela sentir o sol em seus braços. Era nítida a emoção que ela sentiu ao ver o sol. Os olhos brilhando dela ao sentir o toque do sol em seus braços a fez arrepiar de alegria. Compadeci-me de uma caridade pessoal e me coloquei no lugar dela. Após a realização do exame comentei com ela, "- vamos aproveitar o dia?" A mesma com olhos brilhando, "- Você pode? indagando com medo de que eu seja punido por sair com ela até o estacionamento. Abaixei-me perto da cadeira de rodas e falei "por você vale a pena burlar as regras", ela sorriu e ao abrir a porta do estacionamento, área que não tinha ninguém, pois era uma área isolada, a coloquei de frente para o sol e a emoção tomou conta dela. Mas para mim a emoção foi muito maior. Saí do regime quebrando modelos mentais e fazer o diferencial. Após os minutos mais importante para ela, entramos e ela conseguiu se alimentar direito, tomar banho no chuveiro e ter um sorriso em seus olhos, dialogando mais com a equipe que prestava seu atendimento.

Contribuições: Obtive como resultado maior a importância do atendimento fora dos modelos mentais de atendimento hospitalar, um modelo que deve ser seguido por todos os profissionais de saúde, atender com empatia e dignidade, com flexibilidade de regras instituídas dentro de cada unidade. Cada paciente tem seu "eu" individual, sua complexidade e seu cuidado único de acordo com sua crença religiosa, sua ética familiar e pessoal na sociedade. Pensamos como um ser único, e ser especial como tal. A equipe segue sempre o lema "Esse paciente é filho de alguém, pai de alguém ou amor de alguém" tratemos como tal respeito carinho e amor cada um que adentre ou seja atendido dentro de nosso serviço.





